

01-06-2023

Fato ou Fake?

Annibal Coelho de Amorim

[Médico de Saúde Pública. Pesquisador IdeiaSUS]

Outro dia, atravessando os desafios cotidianos do par de oposição virtual e real, de súbito dei-me conta de que já perdemos a luta contra a digitalização que nos cerca por todos os lados. Não tenho dúvida que esta parece-me uma batalha encerrada, mas quem sabe essa escreitura inocule entre os opinativos – que dedicam minutos de atenção – algum tipo de antídoto antidigital. Vamos aos fatos e, do lado de lá, confrontem se existe razão nessas linhas que se acomodam em suas retinas e respondam se é fato ou fake? Entre vocês, quem sabe de cabeça cinco números de celulares? Atenho-me a cinco números para facilitar a tarefa mas, diante da 'facilidade' de adicionar de forma automática à lista de contatos, estamos em processo gradativo da perda de memória, deixando esse afazer para *bites* contidos no armazenamento. A um toque no nome na lista, *voilà* ... eis que se encontra a resposta mágica para o encantamento fortuito.

Aos poucos vão se perdendo as conexões sinápticas/simpáticas dos familiares – daqueles que sobraram no período de 2018 à 2022.

Sem falar em importantes amigos (esses contam-se nos dedos), colegas de trabalho, namoradas/esposas, quicá orientadores, médicos que respeitamos (hoje raros). E aí, sem enrolação, tentaram?

Mas procurem fazer a tentativa baseada em experimento verdadeiro, por favor, não se deixem tentar e recorrer a truques. Se os números de celular já nos são difíceis, excetuando o CPF e o CEP (pedidos a todo instante), qual a sequência correta de seu Renavam?

Do PIS/PASEP (se é que ainda existem depois dos quatro trágicos anos a que me referi); da(s) senha(s) dos sites acessados frequentemente; da numeração correta de seu(s) currículos na Plataforma Lattes, ou do(s) ORCID (*Open Researcher and Contributor Identification Initiative* ou Iniciativa Aberta de Identificador de Pesquisador Contribuidor), tão utilizados em artigos? Não tem uma vaga lembrança? Eu tampouco, surpreendido e precisando falar com filho(a), não lembrava mesmo. Vasculhei aqui e ali e tive que recorrer à lista de contatos, como qualquer outro ser abduzido pela virtualização da vida. Todos os dados estão devidamente armazenados em nuvens. E a(s) nossa(s) memória(s) agora se dedicam - felizmente - a trazer, à somatografia etérea e afetiva, as imagens de momentos inesquecíveis, recheadas com trilhas sonoras, adequadas ao(s) seu(s) espíritos mais ou menos selvagens. Se, porventura, dirigimo-nos a eventos mais singulares do arcabouço sináptico, dependendo da faixa etária, a equação fato ou fake torna-se ainda mais complexa ou, melhor dizendo, incerta. Essa é a palavra adequada ao momento.

Somos atravessados por uma grande incerteza, franzimos a testa, coçamos o queixo e, 'neca de pitibiriba', não encontramos vestígios. E precisamos recorrer ao 'pai google' para recuperar o que procuramos e vemos surgir com grande satisfação o que ansiamos. Recortado por um sorriso e um alívio momentâneo, até que uma nova dúvida nos atormente de novo, certo?! Por exemplo, no terreno das entrevistas, quando arguidos acerca de dados que, julgávamos, não seriam objeto de questionamento, inclinados em direção à dúvida de maneira humilde admitimos que não nos lembramos.

E por quê? Na maioria das vezes armazenamos cotidianamente nossa(s) vida(s) em lugares inacessíveis ao resgate mais imediato.

Nesse sentido, além das palavras cruzadas recomendadas para pessoas idosas, acho necessário uma revolta, uma insurreição nada silenciosa, já que até mesmo os 'bancos de verdade' (por exemplo, aquele do *Sillicon Valley*) viram poeira cósmica diante de nossos olhos. Imaginem se continuarmos a devotar dados preciosos das nossas vidas à memória virtual. Entre a virtualidade da execução de uma música favorita e a execução ao vivo e a cores, devemos optar por esta última. Entre armazenar experiências sensíveis de viagens e eventos em fotos chamadas *selfies*, opto por armazenar o perfume ou aquele toque afetuoso no ombro de uma amiga de infância - que se transformou na primeira paixão -; quem sabe aquele gol inesquecível do craque favorito que te arrepiava 'à flor da pele'.

Esses registros se transformam em memórias somato-psíquicas, onde seu corpo transpira de alegria, onde seus poros deixam-se lavar pelo suor inexplicável que brota não sei de onde.

Esse tipo de experiência não se perde jamais em nossos 'esconderijos' corporais. Sabemos direitinho onde se encontram o primeiro beijo; a primeira transa; o documentário *Get Back* dos *Beatles*; a apresentação da banda favorita no palco; o nervosismo na defesa da dissertação ou tese de doutorado. Estas e outras memórias são inesquecíveis porque estão em seu território existencial e o mapa que as registram você conhece 'de cor e salteado'. Pode fazer até de trás p'ra frente se assim desejar, porque essa trajetória lhe é escrita realmente, pode até mesmo ser guardada em *pen drive*, mas é acessada de maneira singular pelas trilhas do corpo físico, emocional e espiritual. Por que insistir em armazenar nas nuvens o que lhe pertence existencialmente? A quem pode interessar isso? ????

Algo me diz que esses dados ditam seus dias para alguém, que conhecendo o que pensa, sentes e fazes, constrói mapas de fortunas com sua experiência de vida. E aí, já lembrou dos cinco números que propus? Diante do texto se esqueceu que eu voltaria a desafiá-los?

Se chegou até aqui, responde-me com sua corpografia existencial,

é fato ou fake?

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.